

# UMA ANÁLISE DO POSICIONAMENTO DISCURSIVO DE ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO MÉDIO SOBRE SUAS PRÁTICAS DE LEITURA

Fabrícia Aparecida Migliorato Corsi<sup>1</sup>

## Sobre as representações instauradas pelos leitores

Reconhecemos o jovem leitor como um sujeito que produz o seu discurso sobre a leitura a partir do contato prévio travado com outros discursos, sobre a importância da prática e sobre os suportes que utiliza para realizá-la. Esse sujeito leitor é constituído em seu processo de formação por outros discursos com os quais entra em contato. Logo, nossas reflexões versam acerca do que se pensa, do que se diz, e do que faz em relação às práticas de leitura em determinado período, uma vez que os acontecimentos discursivos denotam os acontecimentos históricos que marcam e determinam a forma de ler do que ler e de como ler.

Nesse universo de símbolos o sujeito leitor, para realizar suas interpretações, assume um lugar determinado de onde desempenha seu papel social, assumindo o lugar de onde organizará e sustentará o seu dizer. Assim visamos compreender os enunciados dos jovens leitores nas condições de sua produção, na historicidade que determina o aparecimento dos discursos desses sujeitos leitores e as posições assumidas por eles frente à ação da prática de leitura em contextos situacionais opostos: leitura na escola- leitura extra escola.

## Sobre as representações instauradas pelos leitores

A questão da representação, como vemos com Chartier (2002a; 2015), inicia-se pela tentativa de explicar e compreender as várias formas que a História Cultural utilizou para explicar as mudanças na forma de ver e compreender os acontecimentos sociais, “acontecimentos de mundo”. Em cada época mudam-se as formas e se observa, claramente, como uma determinada sociedade passa a valorizar, compreender e usar como forma de explicação um acontecimento ou novos objetos culturais. O autor pondera assim que, “não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais o indivíduo e os grupos dão sentido a seu mundo.” (CHARTIER, 2002b, p. 66). Lembrando que nunca estamos diante das práticas reais e efetivas de leitura dos jovens estudantes entrevistados, mas sim, diante de uma projeção que tenta, de alguma forma, construir através de um simulacro as práticas e objetos culturais com os quais os jovens leitores travam contato.

A representação é uma forma de dar um significado a uma realidade ou a uma situação que não se apresenta, não é visível, e nem vivenciada por todos os sujeitos num mesmo contexto ou tempo social. Assim, esse termo cunhado pela História Cultural não pode ser tomado como sendo a materialização do ‘real’, mas expressa-se como um ‘modo de ser’, como uma projeção de como era a realidade a partir de dados fornecidos pelos sujeitos segundo enunciavam e do posicionamento discursivo assumido quando o faziam. É um modo de se descrever. O modo como o sujeito diz ser um acontecimento, uma determinada situação, costume, práticas, nos aponta sempre para uma representação e nunca para uma realidade exata, pois esses dizeres sempre são regulados, censurados, cerceados. Sendo assim, as representações encontram-se reguladas e norteadas pela ordem do discurso. Ou seja, qualquer documento que for levantado para ilustrar qualquer tipo de história,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos- UFSCar- São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: fabriciamcorsi@bol.com.br.

nunca terá relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para atender as situações ou práticas que são o objeto da representação. (CHARTIER, p. 16, 2011)

Sendo assim, é possível postular uma relação decifrável entre o que é representado e o que ele representa. O objeto que se faz presente ou o enunciado sobre as práticas, faz-nos perceber e compreender, estabelecendo “uma relação decifrável entre o signo visível e o que ele representa.” (Idem, p. 17)

A representação pode ser compreendida como reflexo do real e segundo Bourdieu (CHARTIER & BOURDIEU 2009), tanto os indivíduos quanto o grupo no qual estão inseridos, inevitavelmente, exibem através das representações parte integrante de sua realidade social. Assim sendo podemos compreender as representações das práticas de leitura, como já fora dito, sendo construídas pela influência e incentivo da família<sup>2</sup> e de forma mais intensa e marcante pela escola. Neste ambiente escolar a sua prática objetiva a propagação dos saberes. Segundo os enunciados dos jovens entrevistados, a representação construída sobre a importância e sobre o objetivo da prática de leitura foi apontada como uma prática para aquisição de conhecimento.

O jovem leitor ofereceu-nos indícios discursivos de que consegue perceber o que deve e como deve se envolver com a leitura em situações sociais distintas, na escola, em casa, entre o grupo de amigos, e solitariamente: “Me considero um leitor mediano pois gosto de ler sobre um determinado assunto, não gosto de ler muitos livros mas se for um livro bom com um assunto que eu me identifico eu leio”<sup>3</sup>; “Porque só leio livros na escola, e revista em casa”<sup>4</sup>; “Leio quando preciso me informar sobre alguma coisa”<sup>5</sup>. Demonstram, a partir dos enunciados proferidos, que têm conhecimento sobre outras formas de interagir com a narrativa, outras maneiras de lerem e trabalharem com o texto em contexto escolar. Levantaram apontamentos sobre como poderiam ser as aulas de leitura para que se tornassem mais atrativas e interessantes para todos: “Eu acho assim, também, que as professores de Língua Portuguesa tinham, assim, que se reunir e também tipo escolher um autor, por exemplo, de maior sucesso, assim, expor sobre ele, falar sobre a vida dele, os livros que ele escreveu, o motivo, assim, pra gente conhecer o autor pra te interesse por aquele livro”<sup>6</sup>.

Observamos que a construção da representação do ‘leitor’ para esses jovens foi formada a partir da imagem constituída de um leitor que lê de tudo, não somente livros impressos, mas que também realiza leituras em outros suportes e de diferentes modos: “costumo ler bastante, seja livros, jornais, revistas, panfletos, etc. Para mim, é uma forma de me divertir, adquirir novos conhecimentos e aprender mais sobre o mundo”<sup>7</sup>. Essa “imagem de leitor” foi apontada com 59,18% de escolha, ficando a opção: Um bom leitor é aquele que gosta de ler, com 40,82% de indicações. O imaginário de leitor não se deteve na imagem que outrora vigorava socialmente, a do leitor de obras clássicas. A construção da imagem do leitor, para esses entrevistados, é a do leitor que se envolve com o texto e consegue compreendê-lo. Esse imaginário foi evidenciado e se tornou representativo, conforme aferimos através dos vários enunciados proferidos. Um deles aponta que: “Um bom leitor é, para mim, aquele que sente, imagina, chega quase a tocar a história que está lendo, aquele que entende, projeta a imagem a

<sup>2</sup> C. f. PETIT, Michèle, 2009.

<sup>3</sup> Questionário Escola C, Aluno 20.

<sup>4</sup> Questionário Escola B, Aluno 13.

<sup>5</sup> Questionário Escola A, Aluno 14.

<sup>6</sup> Entrevista, Escola B, Aluno 3.

<sup>7</sup> Questionário Escola C, Aluno 25.

sua frente, além de ler com certa frequência e dar uma certa importância e cuidado a seus livros”<sup>8</sup>. A imagem do bom leitor não está associada à posse de livros ou outro recurso de leitura. O livro como propriedade material não mais constrói, nem sustenta a imagem de leitor para esses jovens que buscam ampliar suas possibilidades de acesso aos textos através de outros suportes. Para Curcino (2012), essa mudança de posicionamento leitor está atrelada à mudança de oferta do suporte dos textos, ou seja, do impresso para o virtual, o que “produz uma passagem do leitor tradicional a um leitor inesperado, multiplicado, quase sem rosto. Trata-se do leitor indefinível graças a uma circulação exponencialmente ampliada, submetido a coerções muito distintas” (CURCINO, 2012 p. 203).

Muitos desses jovens comentavam entre si as leituras que realizavam, comentavam sobre obras que leram, que gostariam de ler, sobre livros que estavam em prestígio entre os leitores em um determinado momento, sobre um texto que encontraram num ambiente virtual. Essas leituras foram e ainda são propagadas através de discursos instaurados, seja socialmente entre os jovens nas rodas de conversa, seja através da mídia que divulga listas dos mais lidos e destaca determinadas publicações, seja também através do discurso escolar recorrente que aponta o que é aceito ou não como referencial de boa leitura. Soma-se a isso as condições históricas e socioculturais que os condicionam a dizer, acreditar, reiterar o que dizem, constituírem suas opiniões e práticas. Logo, há a necessidade de se propagar esse discurso da importância da prática de leitura, uma vez que nossa sociedade é uma sociedade leitora, mesmo que alguns digam que não, os jovens leem, e leem muito mais do que se afirma.

O que nos chamou atenção para esta questão foram os posicionamentos de sujeito leitor assumidos pelos jovens; doze deles se posicionaram como bons leitores; dezesseis afirmaram ser maus leitores, três se posicionaram como não-leitores e 68 se colocaram no posicionamento de leitores medianos. Para analisarmos esses dados levantamos alguns questionamentos sobre a maneira como interpretaram o termo: ‘leitor mediano’. Será que interpretaram como sendo um leitor que ficava dentro da média de leitura?; que realizava algumas poucas leituras, mas não com intensidade?; ou interpretaram como um leitor que seria capaz de ler, decodificar o código linguístico a ponto de realizar apenas algumas leituras, mas nem todas as possíveis? Interpretaram como sendo um leitor que perfaz a média da necessidade da leitura para conseguir realizar as atividades escolares exigidas pelos professores e que consegue sobreviver na sociedade letrada atualmente?

Analizando os posicionamentos discursivos dos 68% que se instituíram como leitores medianos observamos que a falta de sistemática na prática de leitura referendada e praticada na e pela escola tem repercussão nesse posicionamento enunciativo instaurado, usaram como justificativa o fato de não lerem muito nem com certa regularidade; a escassez de tempo também foi apontada por muitos como um problema e um entrave para a realização da prática; à leitura associada ao livro foi colocada como prática não realizada com frequência; apontaram ter dificuldade com a leitura e compreensão do que liam. Os ‘livros comuns’, assim denominados por eles, não os atraíam, comparados a atração que neles despertavam os mangás, gibis e filmes legendados. A quantidade em relação ao que se lê também foi fator apontado pelos jovens como sendo um critério para definição de leitor mediano. Admitiram que não liam com frequência como, segundo eles, seria o ideal, como nos apontou um entrevistado: “Pois não tenho um certo hábito de leitura, porém não é tão frequente quanto eu gostaria”<sup>9</sup>.

A leitura oralizada, como comumente se pratica nas escolas em qualquer ciclo ou fase da escolaridade, foi outro fator que os jovens leitores enunciaram como ponto que os determinavam como leitores medianos ou maus leitores. Esses jovens quando tiveram que se atribuir um posicionamento leitor: bons, maus ou medianos; associaram à prática de leitura diretamente à leitura

<sup>8</sup> Questionário Escola C, Aluno 01.

<sup>9</sup> Questionário, Escola A, Aluno 11.

oralizada, corriqueiramente utilizada em sala de aula pelos professores. A leitura silenciosa não os identificava como bons leitores ou como leitores medianos, uma vez que associaram a pronúncia das palavras, entonação, eloquência, pontuação, como fatores marcantes para a identificação de um bom leitor. Um outro ponto que nos evidenciaram em seus enunciados foi que realizavam leitura oral somente no ambiente escolar<sup>10</sup>, uma vez que não fizeram menção alguma a uma leitura silenciosa realizada fora da escola. Assim, deduzimos que esse exercício oral é somente executado por determinado grupo de jovens leitores somente em ambiente escolar.

Assim sendo, evidencia-se o importante papel que a escola representa na formação, estímulo e manutenção da prática leitora dos educandos. Para muitos ela é a única possibilidade de terem acesso a algum suporte de leitura, seja ele impresso ou virtual.

### Considerações finais

Através dos dados levantados junto aos jovens alunos leitores de escolas públicas, observamos que o interesse pela leitura é uma ação que se propaga e se incentiva em diferentes momentos e esferas sociais.

A leitura foi apresentada como uma atividade com inúmeras funções e objetivos para realização de sua prática indo para além do universo escolar, onde fora apontada como prática para a realização de tarefas, uma vez que se circunscreve numa esfera que determina e modela o trabalho com essa prática em virtude da sua funcionalidade pedagógica.

Para além disso, podemos observar que a leitura também é vista como fonte para um processo de formação cultural, intelectual e profissional e que os impressos não detêm a preferência nem são elencados como única fonte de possibilidade de acesso à leitura como outrora. Hoje os recursos tecnológicos e a crescente facilidade de acesso aos textos virtuais tornam mais amplas as possibilidades de leituras para alguns jovens.

### Referências

CHARTIER, Roger. Morte ou transfiguração do leitor. In: \_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002a. p. 101-123.

\_\_\_\_\_. **À beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002b.

CHARTIER, Roger. "De l'écrit sur l'écran". 23 maio 2005. Disponível em: <<http://www.imageson.org/document591.html>>. Acesso: 02/2015.

\_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1598/955>>. Acesso em: 23/09/2014.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural- debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

<sup>10</sup> Nas entrevistas com o grupo focal um entrevistado apontou a realização de leitura oral em ambiente externo ao contexto escolar. Contudo, esse aluno realizava tal procedimento sob orientação de uma fonoaudióloga, uma vez que se encontrava em acompanhamento médico, pois apresentava problemas de dicção.

CURCINO. Luzmara. Suporte e sentido: questões de leitura e análise do discurso. In: GREGOLIN, M. R. ; KOGAWA, J. M. **Análise do Discurso e Semiologia**: problematizações contemporâneas. 20. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 189-205.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: como resistir à diversidade. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.